

# Mas e aí, quando volta?

*Karolyna Izabel Moura do Nascimento*

# 02

Segunda-feira, 8 horas da manhã, “Mas e aí, quando volta?”. Essa foi a primeira frase que li no meu primeiro dia de estágio com a turma do segundo ano do ensino médio. Li, porque faz quase um ano que os alunos não estão indo à escola, as salas de aulas foram trocadas por grupos no *WhatsApp*. Agora é tudo virtual. Antes tinha a hora de ir para a escola. Sabia-se que em determinado horário do dia não se fazia nada além de estudar, conversar e brincar. Entretanto, não é mais assim, não há mais um horário específico para se sentar e estudar. Muitos não têm um local de estudo apropriado, um computador para assistir a aula ou um celular para acompanhar as atualizações de conteúdo que os professores postam no grupo do *WhatsApp*. Os alunos não são apenas alunos, são também aqueles que ajudam a olhar os primos pequenos, a cuidar da casa enquanto os pais saem para trabalhar, aqueles que tiveram que arrumar um emprego em período integral para poder ajudar na renda de casa, porque, você sabe, as coisas estão difíceis, já que nem todos os adultos conseguiram continuar em seus empregos e, com os filhos o dia todo em casa e sem aquele lanche extra dado na escola, as coisas ficaram ainda mais apertadas, todos lutando como podem para sobreviver a esse período tão conturbado e triste que estamos vivendo.

Em meio a essa realidade, como poderia ajudar essas crianças, adolescentes e agora adultos por obrigação? Sigo o cronograma, três vezes na semana, por 2 ou 3 horas. Vai haver um encontro virtual por mensagem com a turma. Organizo daqui, organizo dali, corro atrás da professora orientadora Será que esse slide tá bom?, Será que o arquivo não vai ficar pesado demais para eles baixarem?. Eu posso dar uma estendida nesse prazo e assim eles podem entregar os textos na outra semana? Ela olhava para mim e dizia “Vai dar certo, a gente consegue, eles conseguem!”. Mas o coração ficava na mão, não queria sobrecarregar ninguém, mesmo assim sempre enfatizava: Gente, podem chamar a qualquer momento!. Disponibilizei o e-mail e o telefone pessoal. Eles precisavam saber que estava ali para ajudar.

Alguns mandam mensagem “Professora, não consegui entregar a atividade. Trabalho a semana toda e só tenho o domingo para fazer as atividades, posso entregar depois?”. Como eu poderia dizer que não? É claro que ele poderia. E assim novamente ajustava meu cronograma. Comecei a entender que a melhor forma de trabalhar seria orientando cada um que vinha até mim, individualmente. E assim eu passei a fazer. No sábado, estava atolada e quase pensei em desistir. Mando mensagem para minha dupla de estágio e ela também está da mesma forma. Ambos trabalhamos e estudamos, mas, se os alunos estão dando o seu melhor, por qual motivo desistiremos? Vamos que a noite vai ser cheia! Corrige redação, manda e-mail com as orientações, parabeniza pela evolução, melhora o slide que será disponibilizado na segunda-feira, pede desculpas por estar respondendo a dúvida tão tarde... Já é domingo. Respiro e vejo que passei o meu final de semana inteiro na frente do computador.

Sou filha de professora e, mesmo observando de perto o trabalho docente, nunca imaginei os sacrifícios que se é capaz de fazer pelos alunos. Obrigação? Não, é a vontade de ajudar, ensinar e fazer a diferença, nem que seja um comentário naquele texto que ele nunca mais vai ler.

Talvez esteja apenas divagando. No outro dia recebo o e-mail de resposta de um dos alunos que diz: “Muito obrigado! Estou melhorando graças a você.” Nesse momento, confirmo que tudo está valendo a pena.

E assim, nessa correria, foi passando os dias e em todos os encontros os meninos sempre começavam com a frase “Mas professora, quando a gente volta?” Para ser bem sincera, respondo: não sei, por que, realmente, tudo ainda é muito incerto e precário. Nossas escolas públicas não têm sequer as condições básicas para manter as aulas em um mundo sem pandemia (muitas não têm água para lavar as mãos, salas com o mínimo de estrutura e conforto para ser dada uma aula), perguntava-me, então: imagine agora que precisamos ficar a dois metros de distância, precisamos de máscara e álcool em geral a todo momento, em que não podemos ter mais do que um número determinado de pessoas em um espaço que antes recebia o dobro de pessoas, Sinceramente, não sei o que mais pode ser feito para sairmos disso. Nosso desgoverno já deixou claras as suas intenções e, após mais de um ano, o brasileiro, que vive lutando, está cansando... “ainda seria válida a máxima de que o brasileiro não desiste nunca?”, me questiono.

---